

Aspectos fonético-fonológicos do falar do Ceará: o que tem surgido nos inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB-Ce

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará

Introdução

A pesquisa para o Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB, no Estado do Ceará - ALiB-CE, nos inquéritos experimentais realizados em três pontos do estado: Fortaleza, Limoeiro do Norte e Sobral, vem confirmando uma série de fatos fonético-fonológicos já detectados em trabalhos anteriores, realizados por nós e por outros pesquisadores locais e nacionais, com *corpora* diferentes. As pesquisas estão ainda em fase preliminar e somente com o desenvolvimento dos inquéritos, os fatos encontrados e aqui analisados, poderão ser confirmados, caracterizando, ou não, uma variante regional do falar cearense.

Entre esses fatos destacaremos os casos de monotongação dos ditongos / **ay**, **ey** e **ow** /; despalatalização, iotização e apagamento do fonema / **ʎ** / e neutralização dos fonemas / **v**, **z**, **ʒ** / com o fonema / **r** / na realização da variante aspirada [**fi**].

Neste trabalho analisaremos as diferenças diatópicas, marcas do falar do Ceará, mostrando exemplos desses aspectos fonético-fonológicos.

1. O Atlas Linguístico do Brasil

A Dialectologia no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais tem passado, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado dedicado a estes estudos, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativa, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos, além dos aspectos diatópicos, os aspectos diastráticos e diafásicos.

O trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de pesquisadores que fizeram da Dialectologia e especialmente da Geolinguística, o objetivo maior de suas pesquisas.

O resultado dessas pesquisas é a publicação, até o momento, de sete Atlas Lingüísticos regionais: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Lingüístico da Paraíba (1984), o Atlas Lingüístico de Sergipe I (1987), o Atlas Lingüístico de Sergipe II (2002), o Atlas Lingüístico do Paraná (1994) e o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (2002).

Outros tantos Atlas encontram-se em fase avançada ou em início de elaboração, como o Atlas Lingüístico do Ceará, o Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, o Atlas Lingüístico de São Paulo, o Atlas Lingüístico do Acre, o Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul, o Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, Atlas Lingüístico do Amazonas, Atlas Lingüístico do Mato Grosso, Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte e o Atlas Lingüístico do Maranhão.

Assim, o sonho de Antenor Nascente e Serafim da Silva Neto vai aos poucos sendo realizado, prevendo-se sua completa realização com o Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB, em fase avançada de elaboração.

Dentre os estados nordestinos que estão realizando suas pesquisas para o ALiB, o Ceará conta com uma pequena equipe que já realizou uma série de inquéritos experimentais, preparando-se para a pesquisa definitiva nos próximos meses. Os pontos do ALiB-CE são os municípios de Fortaleza, Limoeiro do Norte, Sobral, Crateús, Camocim, Crato, Iguatu, Ipu, Quixeramubim, Pacoti e Russas. Foram realizados inquéritos experimentais nas cidades de Fortaleza, Sobral e Limoeiro do Norte, com informantes nas faixas etárias de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos, homens e mulheres, alfabetizados e até, no máximo, com a quarta série completa do fundamental. Desses inquéritos foram feitas análises preliminares a partir de dois dos aspectos buscados através do Questionário Fonético-Fonológico, ou seja redução dos ditongos / ay, ey, ow /, e a despalatalização e iotização da lateral palatal / ʎ /. Além desses dois aspectos estudou-se, também, um outro fator que nos parece ser uma marca regional do Ceará, cuja análise não está prevista no ALiB, que é a neutralização dos fonemas / v, z, ʒ / com o fonema / r / na realização de sua variante aspirada [h].

2. A Monotongação no Falar do Ceará

Ao analisarmos o material do falar cearense, colhido pela pesquisa do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB-CE, percebemos a grande ocorrência de monotongação, em posições onde elas não existem tradicionalmente.

Em um primeiro momento, pode-se pensar numa variação diatópica, marcando a região cearense ou mesmo nordestina. Contudo, ao analisarmos trabalhos semelhantes realizados em outras regiões do país, constatamos a ocorrência do mesmo fenômeno nessas regiões, donde se pode descartar a hipótese de variante regional.

Percebe-se, ainda, que todos os trabalhos realizados utilizam *corpora* de linguagem popular, o que marcaria uma variação diastrática e não diatópica.

A dúvida seria, então, em que nível se dá a monotongação e que fatores lingüísticos e extralingüísticos são responsáveis por essas variações.

Ao analisarmos o *corpus* do projeto ALiB-CE, percebemos a tendência, que um *corpus* mais amplo poderá confirmar ou não, do uso da monotongação pelos falantes do português não-padrão dos pontos pesquisados.

O estudo aqui apresentado foi feito com uma amostragem de seis entrevistas que fazem parte do banco de dados do ALiB-CE. Nele, procuramos descrever e analisar a realização de ditongos que se monotongam, correlacionar esses fenômenos com os contextos lingüísticos em que foram produzidos, e estudar as implicações sociolingüísticas de tais usos.

Para nossa análise partimos dos seguintes parâmetros:

- contexto posterior
- extensão da palavra
- tipo de registro

Seguindo esses parâmetros vimos que, quanto à monotongação, o falar do Ceará apresenta as seguintes características:

a) Contexto posterior

Os fonemas consonantais, / ʃ, ʒ, r / em posição posterior ao ditongo, facilitam sua monotongação, como nos exemplos:

- | | |
|----------------------|----------------------|
| • “baixa” [‘baj̃a] | • “caixa” [‘kaj̃a] |
| • “beijo” [‘beʒu] | • “queijo” [‘keʒu] |
| • “touro” [‘toru] | • “couro” [‘koru] |

b) Extensão da palavra

Quanto maior o número de sílabas na palavra, mais a monotongação ocorre, como nos exemplos:

- | | |
|---------------------------|--------------------------------|
| • “bandeira” [b̃ã’dera] | • “peneira” [pê’nera] |
| • “aleijado” [ale’zadu] | • “apaixonado” [ap̃aʃô’nadu] |

c) Tipo de Registro

A partir do *corpus* por nós analisado com informantes de nível de escolaridade que vai de alfabetizado até à quarta série do fundamental, percebeu-se que o fator escolaridade não seria tão relevante quanto ao tipo de registro de fala por eles utilizados. Os dados foram obtidos a partir da aplicação dos questionários do ALiB, especialmente o Fonético-Fonológico, de forma a mais espontânea possível. Assim, vimos que o registro coloquial, informal e familiar é o que mais favorece a monotongação.

De nossas análises chegamos à conclusão que a hipótese de variante regional cearense ou mesmo nordestina está totalmente descartada uma vez que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país, comprovados por trabalhos de estudiosos que analisaram outros falares regionais, como o de Amaral (1920), para São Paulo; Monteiro (1933), para o Ceará; Marroquim (1934), para Alagoas e Pernambuco; Teixeira (1938), para Minas Gerais; Paes (1938) para o Rio Grande do Sul; Teixeira (1944), para Goiás; Nascentes (1953), para o Rio de Janeiro; e mais modernamente, Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983); para Ibiricá - RS; Mota (1986), para Sergipe; Paladino Neto (1990), para o Rio de Janeiro; Silva (1997) para o Rio de Janeiro; Paiva (1996), para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; Silva (1997), para a Paraíba e Araújo (2000), para o Ceará.

Nossa pesquisa confirmou parcialmente a hipótese da variante social, uma vez que se por um lado a escolaridade teve pequena importância, por outro, o registro de fala foi decisivo para a monotongação. Os resultados confirmaram completamente a hipótese de variante fonética.

Assim, o fenômeno da monotongação no falar do Ceará não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente lingüístico: fonético por excelência.

3. O Fenômeno da Despalatalização e Iotização do Fonema / λ / no Estado do Ceará

Nos trabalhos já realizados sobre o assunto observa-se que a despalatalização e a iotização estão sempre relacionadas, além dos aspectos puramente fonéticos, de articulação defeituosa ou relaxada, a fatores sociais e geográficos, sendo consideradas diastráticas, uma vez que se diz que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade, e diatópicas, já que ocorrem em falantes da zona rural ou de regiões mais atrasadas.

Em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação o / λ / pode perder o traço palatal, passando a ser articulado como alveolar / l /, como iode / y / ou sofrer apagamento, desaparecendo, / \emptyset /.

Autores há que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema de influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente do fonema / λ /.

A despalatalização, definida como perda de traço palatal na articulação de um fonema, pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual.

Melo (1981) considera a despalatalização um caso sociolingüístico, de registro de linguagem popular, de pessoas incultas. Para Câmara Jr. (1979, p. 149) a despalatalização pode muitas vezes ser um fato fonológico, já que podemos ter mudança de significado do signo, tanto no caso de despalatalização / $\lambda > l$ / como com a iotização / $\lambda > y$ /.

Outra hipótese para a despalatalização e iotização do / λ / é a da influência do português crioulo dos escravos ou do substrato indígena, como diz Câmara Jr. (1979): "É igualmente possível que [...] se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo

substrato indígena...”, hipótese esta também levantada por outros estudiosos, como Silva Neto (1977), que vêem a despalatalização e a iotização como uma marca da fala dos índios e africanos que tinham dificuldades de articular o / ʎ /.

Historicamente, pode-se também explicar o fenômeno uma vez que na passagem do latim para o português a iotização antecede a palatalização. Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português como nos casos de *milia* > *milya* > *milha* ou *foleam* > *folha*, sendo que / l + y / deram / ʎ /. Ora, no caso da despalatalização, que leva à iotização, o movimento se inverteu, ou seja, o / ʎ / desdobra-se em / l + y /.

Quanto ao apagamento do / ʎ > ø / os autores não têm dado muita ênfase, com exceção de Aguilera (1994), que registra o fato no falar do Paraná, porém com ocorrência mínima, a não ser em palavras específicas como “silhão” [si'ãw] e “trilho” ['triu].

Nosso objetivo ao estudar este fenômeno no falar do Ceará é o de descrever e analisar a realização do fonema / ʎ /, observar a despalatalização e a iotização relacionadas aos contextos lingüísticos, aos contextos sociolingüísticos e aos contextos locais e regionais.

As primeiras análises indicam alguns fatos como os mostrados a seguir:

3.1. Permanência do / ʎ /

Fato marcante, também nesse contexto, é a permanência do / ʎ / tanto em sílaba medial quanto em final, como nos exemplos:

“milho” ['miʎu] “melhora” [mi'ʎora] “brincalhona” [bɾĩka'ʎõna]

3.2. Iotização do / ʎ /

Em seguida, em número de ocorrências, vem a iotização do / ʎ /, em sílabas medial e final, como nos exemplos:

“filho” ['fiʎu > 'fiyu] “milha” ['miʎa > 'miya] “trabalhador”
[trabaʎa'doh > trabaya'do]

Pelos exemplos analisados e mostrados, não há um condicionamento fonético para os casos de despalatalização simples, despalatalização seguida de iotização ou mesmo permanência do / ʎ / uma vez que todos esses fatos podem ocorrer em diferentes posições, precedendo quaisquer vogais.

A partir da leitura dos trabalhos de Aguilera (1994) e Aragão (1994), pode-se concluir que o fato ocorre também nos estados do Paraná e da Paraíba, o que não configuraria uma variação regional, mas uma variação social.

As análises posteriores serão feitas a fim de estudar se essas tendências se confirmam no restante do *corpus* e para determinar a existência, ou não, de correlação entre a despalatalização, a iotização e o apagamento de / ʎ / e os fatores sociolingüísticos tais

como grau de instrução, nível sócio-cultural e faixa etária dos informantes, uma vez que há indícios de despalatalização e iotização em informantes de menor grau de instrução, de classes sociais de menor prestígio e de faixa etária mais alta.

4. A Neutralização dos Fonemas / v, z, ʒ /, com o Fonema / r /

Uma das marcas fonéticas do falar cearense é a neutralização, em determinados contextos, dos fonemas / v, z, ʒ /, classificados como fricativos sonoros e o fonema vibrante múltiplo / r /, em sua variante aspirada [fi], marca da realização desse fonema na região nordestina.

Este fenômeno já vem sendo estudado por muitos pesquisadores de diferentes regiões do país, havendo, contudo, nesses estudos, divergências quanto ao seu caráter diatópico ou diastrático.

Há, desde há muito tempo, a noção de que a realização aspirada dos fonemas / v, z, ʒ / é um caso de variante social, ligada ao nível de escolaridade dos falantes, tornando-o, de certo modo, fator de estigmatização do falante. Autores como Silveira Bueno (1944, p.22) e Martins de Aguiar (1937, p. 299), chegam a afirmar que o fato está ligado ao “nível intelectual inferior” do falante, considerando um falar “rústico, popular e plebeu”.

Ao concluir os estudos sobre a realização de / v, z e ʒ /, Martins de Aguiar (1937: 299) diz: “Portanto, três consoantes portuguesas tendem a unificar-se na faucal h, na linguagem popular e infantil: o j, o v e o z”.

Outros autores vêem neste caso um fato puramente fonético de articulação familiar, descuidada, relaxada, de facilidade de articulação, sem que isso venha a marcar uma variante regional ou social.

Contudo, trabalhos mais atuais têm contestado essa teoria como os de Roncarati (2000, p. 76), para o português falado em Fortaleza, quando propõe que as causas mais importantes para o enfraquecimento das consoantes fricativas sonoras e sua reificação em [fi] são de caráter lexical e interacional.

Como fatores lingüísticos mais importantes, mostra a autora que a natureza da consoante seguinte, a presença do morfema do imperfeito - **ava** e a natureza da vogal seguinte são as que mais influenciam o enfraquecimento das consoantes fricativas sonoras e sua conseqüente “reificação” na aspirada [fi].

Para nós o fato é sócio-dialetal, vez que está relacionado não apenas ao grau de pouca escolaridade do falante, mas ao contexto situacional de informalidade de falantes mais escolarizados, sendo, portanto diastrático ou social, e é marca muito forte em determinados estados do Brasil, como o Ceará, passando a ser, também, diatópico ou geográfico.

4.1. Realização dos Fonemas Fricativos Sonoros / v, z, ʒ / no Estado do Ceará

Martins de Aguiar e Florival Seraine em seus estudos de fonética e fonologia do falar do Ceará fazem referência à neutralização ou enfraquecimento dos fonemas v, z, ʒ, ligan-

do este fato não apenas a fatores lingüísticos externos, mas a fatores regionais, como marca do estado do Ceará. Os autores mostram casos como:

- a) Realização do / ʒ / como [fi]: Jumento [ʒu'mêtu > fiu'mêtu] Gente ['ʒêti > 'fiêti]
- b) Realização do / v / como [fi]: Estava [iʃ'tava > iʃ'tafia] Vamos ['vâmus > 'fâmus]
- c) Realização do / z / como [fi]: Fazenda [fa'zêda > fa'hêda] Fazer [fa'ze > fa'fie]

O trabalho de Roncarati foi feito a partir do *corpus* da pesquisa dos Dialetos Sociais Cearenses, com informantes de faixas etárias, sexo, escolaridade e classes sociais bem delimitados e faz uma análise bem mais ampla e profunda do enfraquecimento dos fonemas / v, z, ʒ /.

Após as análises a autora chegou a dois tipos de fatores que influenciam ou determinam o enfraquecimento e o apagamento das fricativas sonoras: Fatores Lingüísticos: natureza da vogal seguinte, distância da tonicidade, natureza da consoante seguinte, presença do morfema do imperfeito - *ava*. Fatores Sociais: nível de formalidade (fala mais relaxada, mais rápida e menos monitorada), itens lexicais mais usuais, relevância informacional e economia lingüística.

Nosso trabalho, ao analisar a neutralização ou enfraquecimento dos fonemas / v, z, ʒ /, levou em consideração os seguintes aspectos: Fatores internos à estrutura fonética da língua. Fatores diastráticos – registro culto e popular. Fatores diatópicos – marca regional do fenômeno.

4.1.1. Fatores Lingüísticos Internos

Em nosso *corpus*, dos fatores lingüísticos internos que mais marcaram o fenômeno, no falar do Ceará, foram:

- a) Vogal seguinte: Tava ['tava > 'tafia] Cava ['kava > 'kafia]
- b) Posição inicial: Vamos ['vâmus > fiâmus] Jumento [zu'mêtu > fiu'mêtu]
- c) Posição medial: Mesmo ['mezmu > 'mefim] Inverno [i'vefnu > i'fiefnu]

4.1.2. Fatores Diastráticos - Registro Culto e Popular

Os fatores diastráticos não puderam ser analisados, uma vez que nosso *corpus* não levou em consideração níveis de escolaridade muito diferentes, nem de classes sociais bem distintas, já que utilizamos informantes nos níveis de alfabetizados até a quarta série do fundamental e das classes sociais B e C. Contudo, ao compararmos, informalmente, nosso *corpus* ao um *corpus* de norma culta, também do Ceará, Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT, percebemos que a neutralização ocorre não apenas na linguagem popular de pessoas de classe social mais baixa e de pouca escolaridade, mas, também,

na linguagem padrão, de pessoas de classe social alta e de grande escolaridade, o que comprovaria que esses fatores não são determinantes nem favorecem o enfraquecimento e a neutralização desses fonemas.

4.1.3. Fatores Diatópicos - Marca Regional do Fenômeno

Quanto aos fatores diatópicos chegamos à conclusão que essa neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ é uma marca do falar cearense, fato, inclusive, reconhecido pelos falantes dessa região, mesmo os não especialistas, como se pode constatar na música “A Rural”, que de modo irônico, explora este fato.

Concluimos, assim, que o enfraquecimento e a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ e sua realização na variante [h̃] do fonema /r/, tem como fator principal a estrutura fonética interna e se constitui numa marca regional do estado do Ceará.

5. Considerações Finais

Ao analisarmos o material preliminar do Atlas Lingüístico do Brasil no Estado do Ceará - ALiB-CE, desejávamos confirmar uma série de fatos fonéticos já observados em outros trabalhos realizados no Estado, com *corpora* de características semelhantes, a fim de definir as características diatópicas, diastráticas ou diafásicas desses fatos.

No caso da monotongação dos ditongos /ay, ey, ow/, nossa pesquisa confirmou parcialmente a hipótese da variante social, uma vez que se por um lado a escolaridade teve pequena importância, por outro, o registro de fala foi decisivo para a monotongação. Os resultados confirmaram completamente a hipótese de variante fonética.

Quanto à despalatalização e iotização do fonema /ʎ/, nos exemplos analisados, não há um condicionamento fonético para os casos de despalatalização simples, despalatalização seguida de iotização ou mesmo permanência do /ʎ/ uma vez que todos esses fatos podem ocorrer em diferentes posições, precedendo quaisquer vogais.

Por outro lado, trabalhos semelhantes realizados em outros estados mostram que o fato ocorre também nesses estados, o que não configuraria uma variação regional, mas uma variação social.

As análises preliminares apontam para a existência de correlação entre a despalatalização e iotização de /ʎ/ e fatores sociolingüísticos tais como grau de instrução, nível sócio-cultural e faixa etária dos informantes.

Finalmente, o enfraquecimento e a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ e sua realização na variante aspirada do fonema /r/, tem como fator principal a estrutura fonética interna e se constitui numa marca regional do estado do Ceará. O *corpus* integral do Projeto ALiB-Ce poderá confirmar ou não tais resultados.

Referências

- Aguiar, Martins de (1937) Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: 51(51), pp. 271-307.
- Aguilera, Vanderci de Andrade (1994) *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado.
- _____(1988) *O fonema / k /: realização fonética, descrição e sua comparação na fala popular paranaense*. In *Anais do 3º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia*. João Pessoa: UFPB.
- Amaral, A. (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro.
- Aragão, M. do Socorro Silva de (1994) A despalatalização e a iotização no falar paraibano. In *Resumos do Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador: UFBA.
- _____(1996) A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza. In *Resumos da 14ª Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE*. Natal: UFRN.
- _____(2002) A neutralização dos fonemas / v,z,ʒ / no falar de Fortaleza. In *Programa e Resumos da 19ª Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE*. Fortaleza: UFC, p. 59.
- Aragão, Maria do Socorro Silva de & Cleusa P. B Menezes (1984) *Atlas lingüístico da Paraíba*. Cartas léxicas e fonéticas. Brasília: CNPq/UFPB.
- _____(1984) *Atlas lingüístico da Paraíba*. Análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas. Brasília: CNPq/UFPB.
- _____ & Maria Elias Soares (1996) *A linguagem falada em Fortaleza - diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*. Fortaleza: UFC.
- Araújo, A. A. (2000) *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará.
- Cabreira, S.H. (1996) *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Câmara J.R. J. M. (1977) *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.
- _____(1979) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Cardoso, Suzana A. M. (1998) *Atlas lingüístico do Brasil - ALiB - Projeto*. Salvador: UFBA.
- _____(2002) *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Caruso, Pedro (1983) A iotização do /-LH/ segundo o Atlas prévio dos falares baianos. In *Alfa*, 27. pp. 47-52.
- Dias, Josiane da Luz (1993) O apagamento das semivogais nos ditongos decrescentes no dialeto curitibano. In *Fragmenta*, 10. pp. 59-69.
- Ferreira, Carlota da S. et al (1987) *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- Koch, W., M. S. Klassmann & C. V. Altenhofen (2002) *Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: Ed.UFRGS /Ed.UFSC / /Ed.UFPR. v. 1 e 2.

- Lemle, M. (1975) Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In *Tempo Brasileiro*, 53/57. pp. 61-94.
- Marroquim, M. (1934) *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional.
- Melo, Gladstone Chaves de (1981) *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____. (1964) Dialeto brasileiro. *Revista do SEPRO*. (23), pp. 41-43.
- Meneghini, F. M. (1983) *O fenômeno da monotongação em Ibiacá*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Monteiro, José Lemos (1988-1990) Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense. *Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa*. 9-11 (9), pp. 68-94.
- Mota, J. (1986) Variação entre e e ei em Sergipe. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 5. pp. 119-128.
- Nascentes, A. (1953) *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.
- _____. (1960) *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Paes, E.F. (1938) *Alguns aspectos da fonética riograndense*. Porto Alegre: s.ed.
- Paiva, M. da C. de (1996) A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In Silva, G. M. de O. & M. M. P. Scherre (orgs.) *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 219-135.
- Paladino Neto, L. (1990) *Os ditongos do dialeto carioca*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Roncarati, C.N.S. (no prelo) Enfraquecimento das fricativas sonoras. In Aragão, M. do Socorro Silva de & Maria Elias Soares (orgs.) *O português não-padrão de Fortaleza: aspectos fonológicos, sintáticos e discursivos*. Fortaleza: UFC, 2000, p.76.
- Rossi, Nelson, Carlota Ferreira & Dinah Isensee (1963) *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL.
- Seraine, Florival (1984) Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In Seraine, Florival. *Linguagem e cultura - estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto.
- Silva, E. V. da (1997) A monotongação de [ey] e [ay] nos falares fluminenses. In *Graphos*, 2.(1). pp. 54-59.
- Silva, F. de S (1997) O fenômeno da monotongação em João Pessoa. In 1º *Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos*. João Pessoa: UFPB, pp. 75-80.
- Silveira Bueno, Francisco da (1944) A língua portuguesa no Brasil. In *Estudos de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- Teixeira, J. A. (1938) O falar mineiro. In *Separata da Revista do Arquivo Municipal*.
- _____. (1944) *Estudos de dialetologia portuguesa - A linguagem de Goiás*. São Paulo: s.ed.
- Veado, R.M. (1983) Redução de ditongo: uma variável sociolingüística. In Veado, R. M. (org.) *Ensaio de lingüística*. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, 9, pp. 208-29.